ERASMO D´ALMEIDA MAGALHÃES
Universidade de São Paulo-São Paulo-Brasil edna.fernandes@uol.com.br

Homem e natureza no texto rosiano

A esfera de significação do vocábulo *sertão* no Brasil foi alvo de estudos por parte de pesquisadores de várias áreas do conhecimento, mormente geógrafos, historiadores, filólogos e lingüistas.

Já no primeiro século da colonização, o termo indicava qualquer lugar distante do litoral, principalmente o não ocupado por portugueses. À quisa de exemplo, podemos citar a carta de Pero Vaz de Caminha[1]. Talvez possa ser considerada como o primeiro documento de índole lingüística sobre a área de domínio português na América que faz referência à ribeira[2], à chã[3], ao sertão etc. Tais vocábulos além de guardarem a mesma acepção que possuem em Portugal, na terra "descoberta", sofreram, por vezes, processo de ressemantização.

Assim sertão, que nos primeiros momentos da colonização indicava região longe da orla marinha, posteriormente vai designar o interior destinado ao criatório do gado bovino. Alarga-se o conceito, posteriormente, para área ignota, ocupada por indígenas ou longe dos nucleamentos urbanos. Este é o espaço de atenção de Guimarães Rosa. *Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia*, foi afirmado ao escritor Ascendino Leite pelo romancista/contista Guimarães Rosa[4]. Aqui talvez caiba uma digressão. Guimarães Rosa deve ter deparado, quando aluno dos cursos primário e ginasial, com aulas de geografia que deveriam quase que se cingir à listagem de nomes e números dos acidentes geográficos. Daí ter ficado deslumbrado, e com razão, com a série *Viagem através do Brasil,* de autoria de Ariosto Espinheira, que na realidade figurava como compêndio de leitura auxiliar. Atualmente denominado paradidático[5].

Espírito arguto, para o autor de *Sagarana* a natureza não é cenário, mas sim personagem. Conhecedor *in loco* das paragens onde se desenrola(m) a(s) trama(s), como o homem muito bem integrado à natureza. Esta integração e dependência direta da natureza fazem com que os grupos humanos componentes dos diferentes níveis da *estratificação social* guardem entre si relação de intedepência ainda que o conflito entre as *classes* estejam sempre presentes.

Jagunços e fazendeiros, ainda que pertencentes a diferentes segmentos daquela estratificação, entretanto em função *da terra que tudo se revela(va) pela mediada das distâncias,* distâncias estas grandes entre agrupamentos humanos e mesmo entre núcleos urbanos, o escritor, conhecedor da região e minudente no descrever, nos seus textos, faz com que os homens se integrem para poder sobreviver e porque não, vencer o sertão agreste, insólito, e o longe desconhecido.

As formas da correlação a) homem x espaço e b) fazendeiro (proprietário) x jagunço (indivíduo assalariado ou não), estão bem presentes e porque não dizer bem analisadas, que compõem o sertão rosiano de *Primeiras estórias* (1962), retomada por Pedro Bial, cineasta brasileiro, a partir de cinco contos deste livro, em sue filme *Outras estórias* (1999), que é objeto de nosso interesse.

Uma leitura menos atenta poderia levar o leitor a pensar numa falta de integração entre os contos. Mas não ocorre, o próprio escritor deixa a entrever. Isto permitiu ao cineasta fazer com que o filme mostre um todo indissolúvel, caracterizando bem o contexto homem no sertão. No sertão, palco das estórias, no qual a remuneração do trabalho (sistema de parceria ou assalariado por tarefas) está restrita e submetida a regras de dependência e lealdade, que estão substanciadas por um universo da violência. Man´Antônio, proprietário que doou terras para os sertanejos moradores de sua propriedade, era na realidade o senhorio. O poder do proprietário, ainda que agora virtual, fazia-se valer pela imagem: o poder da propriedade: *Faziam* (os sertanejos) *de conta que eram donos* [...] *Não amavam* (o proprietário) *seguramente, já que sempre* ***teriam de temer*** *sua oculta pessoa* ***e respeitar seu valimento,*** *ele em paço acastelado, sempre majestade.* (*Primeiras Estórias*, p.87, grifos nossos) E mais, o fazendeiro *sábio, sedentário, queria que progredissem e não se perdessem, vigiava-os, de graça ainada administrava-os, deles gestor, capataz, rendeiro, serviam-no, ainda, e mesmo assim. Mas, decerto, milenar e animalmente, o odiavam.* (*Primeira estórias*, p. 88) Por certo, conflito e liderança imperativa sejam necessários para união e consolidação desses agrupamentos sujeitados a situações tão inusitadas. A morte de Man´Antônio traz a lume um rito de passagem de ordem cultural, não interessando quem é o morto, não se distinguindo aí a classe social ou o *status* em que está inserido.

---

[1] Foi utilizada a edição crítica preparada por Jaime Cortezão. Rio de Janeiro, s.e., 1943.
[2] Com acepção de *porção de terreno banhado por um rio.*
[3] No Brasil, com *significação peculiar de planície elevada, chapada. In Dicionário da terra e da gente do Brasil.* Companhia Editora Nacional, 1961, p. 104.
[4] Ascendino Leite, entrevista com Guimarães Rosa. Sônia van Dijck Lima (org.) João Pessoa. Imprensa Universitária, 1997.
[5] Disse Guimarães Rosa: *Veja, aqui, este livrinho bonito* (v.4 de Viagem através do Brasil) *que comprei, há pouco, para minhas filhas, mas acabei confiscando para o meu consumo poético. Idem,* p.37.

A obrigação cumprida à justa [...] *desde, porém, porque morreu, deviam reverenciá-lo, honrando-o no usual – corpo, humano e hereditário* [...]. (*Primeiras estórias,* p. 88) A tradição cristã determina a superação do conflito entre o potentado e o sertanejo, que se afigura quase como servo da terra.

A importância da liderança está bem presente no conto "Os irmãos Dagobé" (*Primeira estórias,* p.26-30) Os Dagobés *viviam em estreita desunião, sem mulher, sem lar* [...] *sob a chefia despótica do recém-finado. Este fora o grande pior. (Primeiras estórias*, p. 26) O velório de desenrolava em cena típica do interior brasileiro: *Serviam-se, vez em quando, café, cachaça queimada, pipocas, assim aos-usos.* (p.26)

A valentia do irmão amais velho se esvaia com sua morte. O restante dos quatro irmãos, *absolutamente facínoras*, não reage à presença de *Liojorge* [...] que *fora quem enviara Damastor Dabobé, para o sem-fim dos mortos*. Liojorge *lagalhé pacífico e honesto*, sem dúvida alguma, diante de seu ato se afigura como alguém que merece respeito, demonstrou valentia e coragem ao enfrentar aquele temido sertanejo que lhe *ameaçara de cortar-lhe as orelhas*. Vencia o brio sertanejo, o não se acovardar.

É reconhecido o mal-feito do finado: *Moço* (referência a Liojorge), *o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso irmão é que era um diabo de dando (Primeiras estórias*, p.30) Sem liderança, o grupo não teria mais a fazer naquele sertão. Faltava-lhe, agora, *autoridade* ou *mando*. Nada restava senão ir *morar em cidade grande*, onde possivelmente passasse a ser um anônimo a mais.

Aquele homem para proceder da forma [desabrida] *só podia ser um bravo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe* [...] *e com cara de nenhum amigo, sei que é influência da fisionomia*. (*Primeiras estórias*, p 9) O personagem deixa-se amansar frente a alguém que por ser letrado, portanto, possuidor do *livro que aprende as palavras*. (*Primeiras estórias*, p. 11) Sabe *ensinar* o que é famigerado. Naquele sertão bruto, onde impera o analfabetismo o letrado, mesmo sem ser proprietário, goza de prestígio.

É mais uma característica do homem morador dos ínvios sertões bem captada por Guimarães Rosa.

Não seria por demais repetir o crítico Antonio Candido a respeito de *Grande sertão: veredas* o que se aplica a toda a obra de Guimarães Rosa. Este autor não faz *o aproveitamento literário do material observado na vida sertaneja.* [que] se dá de "*dentro para fora", no espírito, mais que na forma. O autor inventa, como se, havendo descoberto as leis mentais e sociais do mundo que descreve* [...] *O maior personagem* [...] *no plano transcendente, como é no plano físico, o sertão, onde o narrador busca as veredas da verdade.*[6]

Como nosso, acrescento. O romancista/contista torna-se assim, à semelhança de Euclides da Cunha, um sociólogo, pesquisador participante.

[6] Resenha sobre *Grande sertão:veredas.* Suplemento literário. *O Estado de S. Paulo.*ano I (1): 2, 6-10-1956.